

# Vinicius de Moraes — Copacabana

Esta é Copacabana, ampla laguna  
Curva e horizonte, arco de amor vibrando  
Suas flechas de luz contra o infinito.  
Aqui meus olhos desnudaram estrelas  
Aqui meus braços discursaram à lua  
Desabrochavam feras dos meus passos  
Nas florestas de dor que percorriam.  
Copacabana, praia de memórias!  
Quantos êxtases, quantas madrugadas  
Em teu colo marítimo!

— Esta é a areia

Que eu tanto enlameei com minhas lágrimas  
— Aquele é o bar maldito. Podes ver  
Naquele escuro ali? É um obelisco  
De treva — cone erguido pela noite  
Para marcar por toda a eternidade  
O lugar onde o poeta foi perjuro.  
Ali tombei, ali beijei-te ansiado  
Como se a vida fosse terminar  
Naquele louco embate. Ali cantei  
À lua branca, cheio de bebida  
Ali menti, ali me cilicieei  
Para gozo da aurora pervertida.

Sobre o banco de pedra que ali tens  
Nasceu uma canção. Ali fui mártir  
Fui réprobo, fui bárbaro, fui santo  
Aqui encontrarás minhas pegadas  
E pedaços de mim por cada canto.  
Numa gota de sangue numa pedra  
Ali estou eu. Num grito de socorro

Entreouvido na noite, ali estou eu.  
No eco longínquo e áspero do morro  
Ali estou eu. Vês tu essa estrutura  
De apartamento como uma colmeia  
Gigantesca? em muitos penetrei  
Tendo a guiar-me apenas o perfume  
De um sexo de mulher a palpitar  
Como uma flor carnívora na treva.  
Copacabana! ah, cidadela forte  
Desta minha paixão! a velha lua  
Ficava de seu nicho me assistindo  
Beber, e eu muita vez a vi luzindo  
No meu copo de uísque, branca e pura  
A destilar tristeza e poesia.  
Copacabana! réstia de edifícios  
Cujos nomes dão nome ao sentimento!  
Foi no Leme que vi nascer o vento  
Certa manhã, na praia. Uma mulher  
Toda de negro no horizonte extremo  
Entre muitos fantasmas me esperava:  
A moça dos antúrios, deslebrada  
A senhora dos círios, cuja alcova  
O piscar do farol iluminava  
Como a marcar o pulso da paixão  
Morrendo intermitentemente. E ainda  
Existe em algum lugar um gesto alto,  
Um brilhar de punhal, um riso acústico  
Que não morreu. Ou certa porta aberta  
Para a infelicidade: inesquecível  
Frincha de luz a separar-me apenas  
Do irremediável. Ou o abismo aberto  
Embaixo, elástico, e o meu ser disperso  
No espaço em torno, e o vento me chamando  
Me convidando a voar... (Ah, muitas mortes  
Morri entre essas máquinas erguidas  
Contra o Tempo!) Ou também o desespero  
De andar como um metrônomo para cá

E para lá, marcando o passo do impossível  
À espera do segredo, do milagre  
Da poesia.

Tu, Copacabana,  
Mais que nenhuma outra foste a arena  
Onde o poeta lutou contra o invisível  
E onde encontrou enfim sua poesia  
Talvez pequena, mas suficiente  
Para justificar uma existência  
Que sem ela seria incompreensível.

**Vinicius de Moraes, Novos Poemas II**